



Joseph F. Smith foi o sexto presidente da Igreja.

Sempre Aprendendo, Sempre Ensinando: Lições que Aprendemos de Joseph F. Smith

David M. Whitchurch

David M. Whitchurch é professor de escrituras antigas da Universidade Brigham Young.

Quando a mãe de Carole Call King faleceu em 1986, seguida de seu pai em 1993,¹ ela não fazia ideia da herança escrita que havia passado para ela. Sendo que ela se envolvia muito na área de história familiar, recebeu os registros genealógicos da família, mas só três anos depois é que soube do significado de tudo que herdara. De alguma maneira ou de outra, o conteúdo de uma das caixas foi negligenciado. Muito depois, ao examiná-lo, ela descobriu centenas de cartas escritas para sua bisavó, Martha Ann Smith Harris, filha de Hyrum e Mary Fielding Smith. Entre as cartas havia quase cem escritas para Martha Ann por seu irmão, Joseph F. Smith, inclusive uma carta escrita em 1854 das Ilhas Sanduíche do Sul, que até continha uma mecha de seu cabelo.

Esta coletânea recém-descoberta de cartas nos proporciona uma visão nova e pessoal da vida de um dos primeiros líderes d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e de sua irmã durante uma época especial da história da Igreja. Após a morte de sua mãe, Mary Fielding Smith, o elo entre seus filhos solidificou e se manteve, até certo ponto, por meio de suas correspondências. Sete décadas de comunicação através de papel e caneta mostram tamanha devoção entre os filhos de Mary, que expressaram seus sentimentos mais íntimos, as alegrias, as tristezas, decisões e os acontecimentos de suas famílias. Sua correspondência nos abre uma visão da riqueza de entendimento e da natureza carinhosa e pessoal de Joseph F. Smith e do amor que tinha pela irmã.

A data das cartas começa a partir de 1854, quando Joseph F. Smith era um jovem missionário (de quinze anos) no Havaí, e termina em 1916, apenas dois anos antes de seu falecimento. Outras cartas de Joseph F. e Martha Ann foram colecionadas e passadas para a coleção de Carole King. Até agora, 164 cartas de Joseph F. Smith e 48 de Martha Ann Smith Harris foram colecionadas e transcritas. A seguinte tabela é um resumo do local de origem e do número de cartas enviadas.

Autor	Local de envio	Época de envio	Quantidade
Joseph F. Smith	Ilhas Sanduíche (Havaí)	1854–58	12
	Legião de Nauvoo, Redondezas de Salt Lake Cit	1858	1
	Missão Europeia/ Missão das Ilhas Britânicas	1860–63	5
	Ilhas Sanduíche	1864	1
	Salt Lake City	1865–74	30
	Missão Europeia/ Missão das Ilhas Britânicas	1874–75	9
	Salt Lake City	1876	2
	Missão Europeia/Missão das Ilhas Britânicas	1877	1
	Salt Lake City	1877–84	19
	Exílio/Ilhas Sanduíche	1884–85	3
	Exílio/—Possivelmente Washington, D.C.	1887–89	2
	Exílio/—Possivelmente Área de Utah	1889–91	0
	Salt Lake City	1891–1918	79
	TOTAL		164

Martha Ann Harris	Salt Lake City	1854–67	26
	Provo	1867–1916	22
TOTAL			48

Uma coleção de cartas tal como esta oferece múltiplas oportunidades para pesquisadores e historiadores interessados em compreender melhor a personalidade de Joseph F. Smith dentro do meio cultural e sociológico da Igreja de Jesus Cristo daquela época. A coleção inteira de cartas, junto com seu contexto histórico, logo estará disponível num livro que será lançado de autoria minha e de Richard Neitzel Holzapfel.

Este artigo trata de uma análise de algumas técnicas didáticas de Joseph F. Smith que se observam nas suas cartas para Martha Ann. A visão que se tem do impacto das cartas e as categorias e métodos de ensino é ao mesmo tempo ampla e limitada, limitada; porque há cartas perdidas (especialmente as cartas de Martha Ann Smith Harris), deixando lacunas, e porque é difícil medir e interpretar mudanças de comportamento através da correspondência escrita. Não obstante, o entendimento que adquirimos referente à personalidade de Joseph F. Smith e ao seu talento como professor ainda nos proporcionam grande conhecimento quanto à sua capacidade de ensinar. Apresentaremos primeiro um pouco do contexto histórico de Joseph F. Smith e sua irmã Martha Ann, seguido de um estudo geral a respeito de sua pedagogia. Por fim, alguns exemplos das próprias cartas serão apresentados para mostrar o conhecimento, os sentimentos e os métodos de ensino de Joseph F. Smith.

Contexto Histórico de Joseph Fielding (Joseph F.) Smith

Durante a primavera e verão de 1836, Parley P. Pratt viajou pelos arredores de Toronto, Província de Ontário, no Canadá, para pregar os evangelho de Jesus Cristo conforme revelado pelo Profeta Joseph Smith Jr.² O Élder Pratt teve sucesso em organizar uma reunião na casa de um fazendeiro onde muitos vizinhos se reuniram para ouvir sua mensagem. Entre os participantes estavam um senhor chamado Joseph Fielding e “suas duas irmãs amigáveis e inteligentes,” Mary e Mercy.³

A pregação do Élder Pratt sobre a Restauração teve êxito, resultando em vários batismos, inclusive o dos Fieldings. Logo após sua conversão à Igreja, Mary Fielding se mudou para Kirtland, Estado de Ohio, onde ela conheceu

e logo se casou com o viúvo Hyrum Smith. A primeira esposa de Hyrum, Jerusha Barden, havia falecido, deixando-o sozinho para cuidar de seus cinco filhos.⁴

A vida de Mary Fielding Smith era cheia de dificuldades e provações. No outono de 1838, a perseguição contra a Igreja e seus membros forçou Hyrum e sua família a se mudar de Kirtland, Ohio, para Far West, Estado do Missouri. No dia primeiro de novembro, dois dias depois do massacre de Haun's Mill, Hyrum, Joseph Smith Jr. e outros foram presos e encarcerados. Sua prisão durou quase seis meses, tempo em que Mary Fielding deu à luz seu primeiro filho e cuidou sozinha dos cinco filhos de Hyrum. Joseph F. nasceu em 13 de novembro de 1838.⁵

Mary passou a maior parte dos próximos quatro meses enfraquecida e de cama. Em janeiro de 1839, ela viajou até Liberty, Estado de Missouri [o local da cadeia], na parte traseira de uma carroça para que ela e seu filho, Joseph F. pudessem visitar Hyrum.

A perseguição contínua obrigou Mary a se mudar à cidade de Quincy, Estado de Illinois, no meio do inverno. Depois da liberação inesperada de Hyrum do cárcere de Liberty, todos eles deixaram Quincy e se mudaram para Commerce (Nauvoo), Estado de Illinois, onde desfrutaram de mais cinco anos de fôlego parcial. Foi nesta época de relativa calma que Mary deu à luz sua filha Martha Ann que nasceu em 14 de maio de 1841, em Nauvoo, Condado de Hancock, Estado de Illinois.

Na primavera e no verão de 1844, as perseguições contra a Igreja se intensificaram outra vez. No dia 27 de junho, Hyrum e Joseph Smith Jr. foram martirizados enquanto presos na cadeia de Carthage, Estado de Illinois. Ao longo dos próximos dois anos, uma série de eventos levou os Santos a outro êxodo. Na época do outono de 1846, Mary e sua família partiram de Nauvoo e se mudaram a Winter Quarters [Acampamento de Inverno] (vila de Florence), Estado do Nebraska, onde permaneceram até a primavera de 1848. Devido às graves circunstâncias em que se encontravam, Joseph F., aos nove anos, teve que dirigir um dos carroções da família para o oeste na migração dos Santos para o Vale do Grande Lago Salgado [Great Salt Lake Valley].⁶ Quatro anos depois de sua chegada, Mary Fielding Smith faleceu devido a uma doença causada por esgotamento físico e falta de alimentação adequada.

Um ano e meio depois que Mary Fielding Smith morrera, a vida de Joseph F. tomou um rumo dramático. Durante a conferência geral de abril

de 1854 o Presidente Brigham Young, ao falar do púlpito, leu a relação dos membros que seriam chamados para fazer missão a serviço da Igreja. Sem aviso prévio, nem uma noção disso, Joseph F. ouviu seu nome, sendo chamado para fazer missão nas “Ilhas do Pacífico.”⁷

Em 13 de abril de 1854, o jornal *Deseret News* relatou o nome dos missionários destinados para a Inglaterra, os Estados Unidos, as Ilhas do Pacífico, a Irlanda e a América Britânica do Norte [Canadá]. O jornal *Deseret News* comunicou: “As seguintes pessoas foram designadas e apoiadas por voto unânime para fazer missão . . . nas Ilhas do Pacífico: Orson Whitney, John Young (filho de Lorenzo), Washington B. Rodgers, Simpson M. Molen, George Spiers [*sic*], Joseph Smith (filho de Hyrum), Silas S. Smith (filho de Silas), Silas Smith (filho de Asahel), Sextus Johnson, John T. Caine.”⁸

As dificuldades e desafios da missão de Joseph F. serviram de campo de treinamento ideal para o serviço que prestaria à Igreja ao longo de sua vida. Como havíamos mencionado antes, esta jornada no Pacífico marcou o início do intercâmbio de cartas entre Joseph e sua irmã. Depois de quase quatro anos nas Ilhas Sanduíche (Havaí) ele voltou para casa em 1858 e alistou-se na Legião de Nauvoo, um grupo militar que participava dos esforços da Igreja em frustrar a vinda do exército de Johnston para o Vale do Grande Lago Salgado.⁹

Depois da negociação pacífica entre Brigham Young e o governo dos Estados Unidos de um tratado de paz, Joseph F. Smith passou a prestar atenção em outros assuntos, inclusive o casamento. No dia 5 de abril de 1859, ele se casou com Levina Smith, uma das filhas de Samuel H. Smith. Outras esposas seguiram, inclusive Julina Lambson (1866), Sarah Ellen Richards (1868), Edna Lambson (1871), Alice Ann Kimball (1883) e Mary Taylor Schwartz (1884). Destes casamentos nasceram quarenta e oito filhos.¹⁰

Depois de fazer mais duas missões, uma nas Ilhas Britânicas e outra de volta às Ilhas Sanduíche, Joseph F. foi chamado por Brigham Young, aos vinte e sete anos, ao apostolado e foi apoiado como Segundo Conselheiro da Primeira Presidência.¹¹ Um pouco mais de um ano depois, Joseph F. foi designado membro do Quórum dos Doze Apóstolos. Seu cargo de conselheiro na Primeira Presidência continuou durante a administração dos Presidentes John Taylor e Lorenzo Snow. A ratificação de leis antipolígamas e a proeminência de Joseph F. Smith fizeram com que ele entrasse em exílio clandestino de agosto de 1884 até a proclamação de anistia pelo presidente norte-americano Benjamin Harrison no outono de 1891.¹²

Em 17 de outubro de 1901, Joseph F. Smith foi apoiado como Presidente d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias onde serviu até sua morte aos oitenta anos, no dia 19 de novembro de 1918 em Salt Lake City.¹³

Breve Histórico de Martha Ann

Martha Ann Smith nasceu em 14 de maio de 1841, em Nauvoo, Estado de Illinois. Embora tenhamos menos informações históricas a respeito dela do que de seu irmão mais famoso, é certo que ela padeceu as mesmas tribulações sofridas pelos outros membros da família, tais como a estada no Acampamento de Inverno e a travessia da grande planície americana. Depois da morte de sua mãe, Martha Ann e Joseph F. passaram a morar com uma amiga achegada da família, Hannah Grinnells, onde ficaram até o falecimento dela um ano depois. Daí Martha Ann se mudou para a casa de sua tia, Mercy Fielding Thompson.¹⁴ Logo em seguida Joseph F. recebeu seu chamado missionário para servir nas Ilhas Sanduíche. Pelo que está escrito nas cartas de Joseph F. e Martha Ann, parece que Martha Ann também morou com John, um filho de Hyrum Smith e Jerusha Barden, antes de se casar.

Heber C. Kimball fez o casamento de Martha Ann, que na época tinha quinze anos, e William Jasper Harris em 21 de abril de 1857. Dois dias depois, William saiu para fazer missão na Inglaterra. Martha Ann se hospedou com sua sogra, Emily Harris Smoot, uma das esposas do Bispo Abraham O. Smoot.¹⁵ William voltou cedo da missão em 1858 quando todos os missionários foram retirados do campo missionário devido à preocupação com a possível invasão do exército de Johnston.

Durante o início do verão de 1859, sucedeu à família Harris uma tragédia. Ao arar a terra de sua fazenda em Salt Lake City, William foi atingido por um relâmpago. Além de sustar graves queimaduras, ele ficou entrelaçado nas rédeas dos cavalos que puxavam o arado e foi arrastado, inconsciente, pela parelha em pleno estouro. Martha Ann cuidou dele o máximo possível até sarar, mas William nunca voltou ao normal e permaneceu muito debilitado pelo resto da vida.

Oito anos depois do acidente, Martha Ann e William se mudaram a Provo com seus cinco filhos. Enquanto estavam em Provo tiveram mais seis filhos. A família Harris passou por muitas dificuldades financeiras ao longo de sua vida. William teve vários empregos. Trabalhou de guarda-costas de Brigham Young, fazia carretos, foi policial e trabalhou de mineiro.¹⁶ Martha Ann muitas vezes suplementava a renda familiar costurando luvas de couro e

roupas para o templo.¹⁷ William Jasper Harris morreu em 4 de abril de 1909, sendo atropelado por uma parelha de cavalos. Sua esposa, Martha Ann, faleceu aos oitenta anos em 19 de outubro de 1923.

O Processo de Transcrição

Manter a facilidade de leitura e uma exatidão apurada eram principais os objetivos na transcrição da coletânea de cartas de Joseph F. Smith e Martha Ann Smith. Sempre que possível, a transcrição em inglês de cada carta mantém a ortografia, pontuação, emendas, palavras sublinhadas e rasuras do documento original. Os transcritores fizeram o mínimo de redação possível, embora haja algumas poucas modificações de pontuação para esclarecer o sentido de alguns trechos. Para reduzir a distração do leitor, muitas letras maiúsculas foram passadas a letras minúsculas. Por exemplo, Martha Ann Smith Harris escreveu as letras maiúsculas D, F, J, L, M e S de forma incoerente e encontram-se variações no uso das letras A, J, L, M e S por parte de Joseph F. Para facilitar a leitura, os redatores, à sua discrição, padronizaram o uso destas letras na versão inglesa.

Usam-se colchetes em branco [] para representar um furo, rasgo ou lacuna na carta. Palavras que iniciam numa linha e terminam noutra são transcritas como uma palavra só. Usamos parênteses oblíquos < > para destacar as inserções dos próprios autores originais. Independente de como aparece na cartas, todos os parágrafos são indicados de forma padronizada. Usa-se este símbolo [—] para indicar letras dentro de uma palavra que não se pode decifrar; [o] para uma letra ilegível na palavra; e “\” indica uma palavra ou série de palavras ilegíveis. [Nota do tradutor: Já que as normas de transcrição descritas acima só são relevantes ao texto original em inglês, incluímos apenas algumas nas primeiras citações, procurando, sobretudo, comunicar em português o sentido das cartas]

A Pedagogia de Joseph F. Smith

Depois do falecimento de Mary Fielding Smith, as condições forçaram Joseph F. a servir às vezes de irmão e às vezes de pai para Martha Ann. Não é de se admirar que Martha Ann tenha aceito tanto o papel de filha como o de irmã. Ela escutava os conselhos de Joseph F. de boa vontade e fazia o possível para seguir aquilo que ele recomendava. Por exemplo, neste extrato de uma carta escrita por Joseph F. aos dezessete anos a Martha Ann, que tinha quatorze anos na época, do dia 18 de fevereiro de 1856, ele relata:

Agora permite-me dar-te uns conselhos a respeito de como \ se deve agir. Bem, o primeiro é: Não procures exaltar-te acima de tuas colegas, nem procures ser *fina* quando não sabes nada do que é cultura, mas prossegue firme, mansa e sê humilde e branda de coração; e ora sempre para que o espírito de Deus resida contigo, pois digo-te, Martha Ann que o espírito de Deus te ensinará as regras perfeitas da modéstia porque ele não usa de hipocrisia, nem de desígnios supérfluos, nem nada disso. A disposição de orar, humildade, perseverança em retidão, diligência e paciência se combinarão para nos aperfeiçoar e nada mais nos capacitará para alcançar a glória e bênçãos preparadas para os fiéis no reino de Deus.

Apesar de não possuímos a carta correspondente à de cima, em muitas ocasiões Martha Ann respondeu de maneira positiva aos conselhos dele. Numa carta escrita na primavera (provavelmente em abril) de 1856—logo depois da carta acima, ela escreveu:

Recebi tua carta e fiquei feliz em ler uma carta tão gentil e carinhosa. Fez-me bem ter lido, como sempre me faz bem ler uma carta tua, pois sempre aprendo algo de novo que me beneficia. . . . Eu sei o que queres e me esforçarei ao máximo, conforme meu entendimento. Não me sinto orgulhosa ao receber teus conselhos e quero que [2] me aconselhes no que devo fazer porque és mais velho do que eu e tens passado por mais provações do que eu. Considero de onde vêm teus bons conselhos e sei que vêm de um irmão que me quer bem e de quem, mais do que de qualquer outra pessoa do mundo, eu prefiro receber conselhos.

Ao longo da correspondência de Joseph F. com sua irmã, torna-se cada vez mais evidente que Martha Ann o considerava um confidente, conselheiro e mentor. Cada uma destas palavras se refere ao ensino. Um professor é quem “mostra o caminho, dirige, conduz e guia.”¹⁸

Podemos adquirir mais entendimento quanto ao papel do professor ao examinar o vocábulo grego *pedagogue*, de onde se deriva a palavra *pedagogia*. Nos componentes da palavra *pedagogue*, há *pais* que significa “criança” e *agoge* que significa “guiar para fora.” Ao combinar estes componentes, o

resultado sugere que, de início, a pedagogia tratava da educação de crianças. Um erudito resumiu o conceito da pedagogia como “um processo definido de desenvolvimento social e intelectual.”¹⁹

Quando aplicamos tais definições a Joseph F. Smith, vemos que ele é um exemplo do professor ideal. Mesmo que ele tivesse recebido uma educação formal muito limitada e só fosse dois anos e meio mais velho que Martha Ann, a morte de seus pais, a missão e sua capacidade de comunicar o colocaram no papel de mestre de Martha Ann. A didática e os princípios de ensino que observamos nas suas cartas para ela revelam os mesmos princípios abraçados pelos professores modernos. Os padrões de ensino eficaz não mudam com o tempo.

Há numerosos estudos que examinam a qualidade do ensino. Em diferentes épocas as pesquisas foram dirigidas a grupos específicos, tais como administradores de escolas, professores e alunos, para determinar as características do professor ideal. Os educadores James Banner e Harold Cannon relataram: “As características que tornam eficaz o ensino não são nem misteriosas nem exclusivas, sendo possuídas só por um grupo limitado de professores extraordinários. São inerentes em todos nós. Não é preciso estudá-las e sim, tornarmo-nos cientes delas e aplicá-las. . . . Aquilo que o professor faz é ligado a quem ele é.”²⁰

Pode se dizer isso a respeito de todas as pessoas boas, independente de seu nível de instrução e da profissão que exercem. Uma análise bem apurada dos apóstolos e profetas de nossa dispensação, de Joseph Smith Jr. a Gordon B. Hinckley, revelou que estes indivíduos tinham a capacidade, como já se falou, de “dirigir, conduzir e guiar” (em outras palavras: ensinar). Examinamos alguns estudos que indentificam as qualidades de um bom professor.²¹ As listas compiladas por meio destas pesquisas são, de modo geral, extensas demais para o objetivo deste trabalho.²² Nestas pesquisas também se incluíram itens que não se aplicam ao nosso estudo, tais como o cálculo justo de notas, ambiente da sala de aula, participação da classe e administração; portanto, eliminamos tais medidas no que se refere a Joseph F. Smith e Martha Ann Smith Harris. Criamos uma lista curta das características mais importantes, conforme a maioria dos estudos examinados.

Identificamos as seguintes cinco características para aplicar à correspondência no presente estudo: (1) interesse e amor sinceros pelas pessoas a quem se ensina; (2) a capacidade de motivar; (3) a capacidade de comunicar eficazmente; (4) respeito no tratamento dos outros; e (5) conhecimento do assunto.

Importar-se com a Pessoa a quem se Ensina e Amá-la com Sinceridade

Helen Keller descreve o seguinte evento em sua autobiografia:

O dia mais importante da minha vida de que me lembro é o dia em que minha professora, Anne Mansfield Sullivan, apareceu em minha vida. Maravilho-me ao contemplar o contraste imensurável entre as duas vidas que tal dia conectou. Sucedeu no dia três de março de 1887, três meses antes de eu completar sete anos. . . .

Senti os passos aproximarem-se de mim. Estendi a mão, como supunha, à minha mãe. Alguém a pegou e fui acolhida nos braços daquela que viera revelar-me todas as coisas e, mais do que qualquer outra coisa, me *amar*.²³

Num discurso na conferência geral de 1999, o Élder Dallin H. Oaks confirmou a necessidade de importar-se com o aluno. Ele disse: “Um autor de proeminência nacional escreveu um livro sobre seu melhor professor. A parte primordial do impacto poderoso e positivo que este catedrático teve na vida do aluno foi a convicção, por parte do aluno, de que o professor realmente se importava com ele e queria que este aluno aprendesse e fizesse aquilo que o ajudasse a encontrar felicidade.”²⁴ Martha Ann encontrou em seu irmão tal professor. Na seguinte carta que Joseph F. Smith escreveu à sua irmã em 22 de junho de 1864, ele expressou de forma carinhosa suas saudades de Hyrum, o nenê de dez meses de idade de Martha, e transmitiu o grande amor que tinha por ela e sua família. A carta foi escrita nas Ilhas Sanduíche. Joseph F. logo havia voltado ao Havai para ajudar o Élder Lorenzo Snow e outros líderes da Igreja a lidarem com um apóstata, Walter Gibson.

Minha querida irmã Martha Ann:— . . .

Sinceramente espero que o Hyrumzinho esteja melhor. Mal consigo aturar a ideia dele ter mudado de alguma forma do retrato dele que está em minha mente. Sempre o vejo reto, gordinho, audacioso, cheio de ânimo e, de comportamento e tom firmes, dando ordens importantes que se tem que levar a sério e que não podem ser menosprezadas com impunidade até pelo mais majestoso de seu pequeno, porém crescente império! Do jeito que ele fica na fotografia de minha memória, ele é monarca de tudo que enxerga, não conhece medo,

não há igual. Ele manda e obedece, senão, ai de nós! Bem, ele é *meu ideal* de perfeição infantil masculina! De *nobreza* e *magnanimidade* em escala de nenê!!

Como tu bem sabes, amo nenezinhos; interessam-me a partir de dois meses de idade. Fico pensando, será que Willie e Joseph se esquecerão de mim? Creio que não. Dá um beijinho neles por mim e dize-lhes que penso neles e oro muito em seguida para que possam crescer—dignos da grande misericórdia daquele cuja imagem eles refletem com tanta nobreza. Tu tens muita razão em te orgulhar de teus filhos. Se não forem homens bons, não será culpa tua. O solo é teu, cuida que não lhe falte cultivo.

Em outra carta escrita em dezembro de 1869, de Salt Lake City, Joseph F. expressou encorajamento e seu desejo de rever Martha Ann. Nesta carta ele menciona sua segunda esposa, Sarah, com quem estava casado havia mais ou menos um ano. Só citamos o últimos parágrafo:

Martha Ann

Minha querida irmã:— . . .

Sarah está preparando o café da manhã. Coloquei a data de amanhã de manhã. Sarah prepara as coisas na véspera e de manhã consegue fazer o café em três quartas de hora. Quisera que pudesses nos visitar para eu saber que vais bem. Estou muito preocupado contigo e não sei como evitar este sentimento, ou, em outras palavras, mudar o destino. Às vezes me sinto condenado quando observo as condições confortáveis de minha família, sabendo que minha irmã não desfrutava de muita coisa. Eu queria que fosse diferente, mas quem pode transformar a situação? Tem bom ânimo, minha irmã, algo me sussurra que não será sempre assim nem contigo e *talvez nem comigo*. Sempre há uma esperança brilhante e uma promessa segura de nosso galardão. Que Deus te abençoe a ti e a família. Mandar-te-ei umas canetas e papel logo que puder.

Embora tenhamos citado dois exemplos do amor que Joseph F. tinha por Martha Ann e sua família, a coleção de cartas oferece ampla evidência de seu compromisso duradouro para com ela, tanto de palavras como de ações. As palavras do Rei Benjamim refletem o exemplo de Joseph F. Smith como

pai substituto de Martha Ann, pois ele obedeceu ao conselho de que os pais devem cuidar de seus filhos e “ensiná-los a se amarem uns aos outros e se servirem uns aos outros” (Mosias 4:14–15). Além das expressões de elogio, encorajamento e amor, a coletânea indica que Joseph F. também dava ajuda monetária a sua irmã com frequência. Sua boa vontade em compartilhar com ela era ainda mais notável, levando em conta os desafios econômicos que ele enfrentava para sustentar sua própria e grande família.

A Capacidade de Motivar e Comunicar com Eficácia

É difícil avaliar a delineação entre a motivação e a comunicação, dado que a comunicação eficaz faz parte integral da pedagogia. As cartas de Joseph F. Smith e sua capacidade de comunicar são de grande valor em si. Seu sucesso e sua capacidade de motivar as pessoas se devem a seu talento de comunicar-se efetivamente [e pelo fato dele possuir o Espírito Santo].

A motivação se manifesta de muitas formas. Seja dinheiro, prestígio ou a necessidade de se sentir parte de um grupo, aquilo que motiva nos leva a uma mudança de comportamento. Tal mudança pode ser levada a efeito por fatores simples como satisfazer a sede num dia de verão de muito calor. Quanto vale um copo de água? Isso muitas vezes depende de quanta sede o freguês em perspectiva tem. O que nos motiva de forma poderosa a mudar é o amor. As escrituras declaram com simplicidade: “Se me amardes, guardai meus mandamentos” (João 14:15). Certo autor disse: “Trabalhamos duro para caminhar a segunda milha por aqueles que amamos.”²⁵ As pesquisas indicam que os alunos que gostam de seus professores são mais capazes de trabalhar com mais afã e ter um desempenho muito melhor do que o dos alunos que não gostam do professor.

Ao responder à pergunta: “Em que consiste a boa didática?” Robert Leamson, autor de *Thinking about Teaching and Learning [Contemplar o Ensino e o Aprendizado]*, declarou: “Para mim os principais elementos são exposição e inspiração.”²⁶ Nas suas cartas, Joseph F. Smith, por inspiração, expunha as áreas em que Martha Ann precisava melhorar. Não há dúvida quanto ao amor e compromisso que Martha Ann tinha para com seu irmão mais velho. É impossível medir quanta influência seus conselhos tiveram na vida dela, mas devido a seu amor por ele, podemos concluir que ela prestava cuidadosa atenção a seu irmão mais velho e correspondia da melhor maneira possível. Por exemplo, quando Joseph F. só tinha dezesseis anos, escreveu a seguinte carta da Ilha de Maui em 28 de janeiro de 1855 para sua irmã que

tinha treze anos na época, incentivando-a a levar uma vida digna das bênçãos de Deus. Ele escreveu:

Minha cara e carinhosa <irmã> Martha.

Tendo acabado de escrever uma carta para Jerusha, pensei em procurar escrever uma para ti, achando que algumas linhas te seriam proveitosas. Estou bem e de boa saúde. Cresci muito desde a última vez que me viste e não tenho motivo de duvidar que tu também tenhas crescido desde que te vi. Se este for o caso, tu já deves ser mulher e suponho que chegaste ao ponto de ser mais alta que tuas irmãs. Agora quero dar-te alguns poucos conselhos, se me permitires, que são os seguintes: sê humilde e ora sempre; sê bondosa às pessoas e terás o Espírito do Senhor contigo em todas as horas. O Senhor te abençoará e te guiará nos passos de tua mãe e serás abençoada em todas as coisas como ela o foi. Nunca te faltarão as necessidades da vida se cresceres nos passos de tua mãe que passou adiante. Sê bondosa a tuas irmãs, segue o que elas dizem e não te eleves acima delas, pois são tuas irmãs mais velhas e é para elas te darem conselhos, como também o é no caso de teus irmãos mais velhos. Sê bondosa a eles e faz o que pedem e não fiques zangada. Estuda teus livros e fica em casa o máximo possível e não penses que és menosprezada por não teres os privilégios que muitos têm. Sê sóbria e ora sempre e crescerás nos passos de tua mãe. Prefiro crescer nos caminhos de tua mãe a ter todas as riquezas do mundo a ser descontrolado, mal-educado e não orar, pois se seguires o exemplo de tua mãe, nunca te faltarão os confortos da vida. Vou fazer-te uma pergunta. Tu te lembras de alguma vez em que não fomos sustentados pela mão de nossa mãe? Respondo que nunca se conheceu tal momento. Pergunta aos que sabem. Eu poderia te dar muitos conselhos, Martinha, que seriam proveitosos ao longo de tua vida aqui na terra. Lembra-te do que eu já disse e verás que as coisas hão de melhorar nos dias que vêm. Devo encerrar por aqui, orando que o Senhor te abençoe e prospere todos os dias. Por favor escreve-me tanto quanto puderes e dize-me como vais.

Mais uma coisa: nunca te desanimes, mas sê de bom ânimo e alegre alegria; continua a orar e mantém uma atitude sensível e o Senhor te abençoará.

Esta carta mostra o tremendo amor e estima que Joseph F. tinha pela irmã, bem como seu reconhecimento dos sacrifícios que ela havia feito a favor da família. A menção de sua mãe deve ter comovido a jovem Martha Ann ao enfrentar muitos desafios referentes a seus irmãos mais velhos, os filhos de Hyrum e Jerusha, e a incerteza que naturalmente teria acompanhado a perda de seus pais e a ausência de seu irmão.

Outro meio de motivação provém de compartilhar experiências pessoais. As histórias tendem a gerar emoções de ternura e carinho que, por sua vez, nos incentivam a fazer modificações vitais para o nosso bem. Os propagandistas usam de histórias para criar um sentimento de aceitação ou de necessidade. Já há muitos anos a Igreja vem transmitindo vídeo clipes na rádio e televisão que capturam momentos especiais da família que nos fazem refletir na importância da mesma. Os clipes geralmente terminam com a frase: “A família—está na hora!”

Muitas vezes nas escrituras há histórias que ensinam e motivam. Em certa ocasião, ao viajar por Samaria, Jesus parou no local do poço de Sicar e conversou com uma mulher que havia vindo retirar água (veja João 4). Durante a conversa com ela, ele disse: “Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” (João 4:10). Sua conversa levou ao testemunho pessoal de sua divindade. Muitos dos exemplos que Jesus ensinava provinham de certas circunstâncias ou de eventos da vida real, por exemplo, a maldição da figueira (veja Mateus 21:19–22), a colheita de espigas pelos seus discípulos no sábado (veja Marcos 2:23–28) e a cura da mulher que tinha uma enfermidade havia dezoito anos (veja Lucas 13:11–17).

Joseph F. Smith também utilizou eventos de sua época e experiências pessoais para ensinar a intervenção de Deus em nossa vida. Tais exemplos provavelmente ajudaram a incentivar Martha Ann a levar uma vida digna de tais bênçãos. Incluímos dois exemplos disso abaixo. O primeiro é de uma carta escrita em 17 de abril de 1857, em Lahaina, Ilhas Sanduíche. Aos dezoito anos, Joseph F. comunicou com eloquência à sua irmã de quinze anos de idade duas experiências pessoais:

Minha querida irmã Martha Ann:—

Não é com sentimentos comuns que me sento hoje de manhã para responder à tua carta de 17 de dezembro de 1856 que graciosamente chegou a mim no dia 28 do mês passado. Não tive a oportunidade de corresponder até agora, devido às viagens para conferências, etc., que se realizaram nos dias 7, 8 e 9 deste mês. Passamos uns dias muito agradáveis. Estou bem e forte no presente momento, apesar de algumas dores que sinto hoje de manhã devido à falta de sono e ao trabalho intensivo dos últimos três dias e noites.

Estávamos em oito ao sairmos da Ilha de Lanai na quarta-feira, mas por causa de fortes ventos contrários fomos obrigados a voltar ao porto onde dormimos ao ar livre sem nada a não ser uma esteira fininha que servia de cama e mais uma para cobertor. Nossas maletas de tecido nos serviam de travesseiro. Ao nascer a lua à uma hora da madrugada, voltamos a bordo da pequena embarcação e saímos rumo a esta ilha. Martha, tu ficarias assustada se pudesses nos ver jogados pelas ondas do poderoso Oceano Pacífico, quando a cada momento parecia que a onda ia nos inundar por sua força assombrosa; sim, se pudesses nos ver num barquinho aberto feito de tábuas de pinho em alto mar com um trecho de 25 quilômetros pela frente e menos de um centímetro de espessura entre nós e o tremendo sepulcro amedrontador onde jazem os corpos de milhares de pobres seres malfadados que não tiveram a sorte que tivemos. Quando se está a um centímetro das portas da própria morte, quem é que pode salvar-nos? Martha, o braço em que confiávamos é aquele que já resgatou, está sempre disposto a resgatar e sempre resgatará aqueles que confiarem nele e tiverem fé nele. Portanto, sejamos fieis.

[p. 2] Bem, chegámos aqui às 10 horas da manhã do dia seguinte, depois da nossa partida. Hoje de manhã, alguns dos irmãos partiram para Wailuku, deixando três de nós aqui neste local. Fui designado para presidir a conferência de Molokai, que fica a 25 quilômetros daqui, em outra ilha. Como podes ver, terei que atravessar mais um trecho oceânico antes de chegar a meu campo de trabalho. Quando chegamos

aqui, descobrimos que foi roubado um dinheiro no valor de US\$33,50 proveniente da venda do Livro de Mórmon aos Santos nativos. Não se sabe quem o fez e não temos como descobrir quem foi. Estamos realmente angustiados pelo roubo e pelo fato de que a pessoa que nos tirou este dinheiro, sabendo de nossas condições, para nós é pior que um assassino! Mas é óbvio que o diabo exerce o máximo de seu poder para impedir o trabalho que fazemos para a prosperidade e melhoramento deste povo. Só o próprio Senhor sabe o que mais acontecerá para impedir esta santa obra. Quem pode aguentar o que temos que padecer senão os Élderes Mórmons? Não creio que haja um homem que viva fora do reino de Deus que possa começar a padecer provações quase insuportáveis e as privações que enfrentamos por todos os lados e pelas quais temos que passar todos os dias de nossa vida nestas terras vis. Mesmo assim, tudo isso é para o nosso bem. Quero regozijar-me, Martha, o dia todo. Sinto-me alegre e esperançoso, marchando em frente apesar das dificuldades que necessito enfrentar, porque sei o que estou fazendo e por quem estou trabalhando. Não é como se eu buscasse lucro, ou as coisas vãs do mundo secular. Quem o faz não consegue escapar do desespero se esta for sua ideia de progresso [p. 3].—

O entendimento que se adquire através do compartilhamento das experiências e tribulações pessoais pode fortalecer a capacidade de uma pessoa para lidar com as dificuldades da vida. Considerem a inspiração e o entendimento que a história de Jó, do Velho Testamento, transmite a seus leitores. Sem uma forma de medir o impacto das cartas de Joseph F. Smith para Martha Ann, é possível que nunca reconhecamos o quanto realmente a influenciaram, contudo as histórias e lições que se encontram nestas cartas não podem ser desprezadas. O bom ensino requer um investimento de si, algo do coração. O poder e eficácia das cartas de Joseph F. se devem, em grande parte, às suas circunstâncias extraordinárias. A maioria dos professores, ao compartilharem tais experiências pessoais, espera incentivar os alunos a se esforçarem para alcançar algo de mais elevado. Espera-se que as perspectivas adquiridas por Martha Ann por meio das cartas de seu irmão tenham-na motivado de forma semelhante.

Outra carta de Joseph F. nos dá uma visão de como o tempo e a lembrança do recente falecimento (havia dois meses) de sua filha primogênita evocam memórias de eventos de sua infância. Joseph F. tinha trinta e um anos na ocasião e sentia saudades de Mercy Josephine, filha dele e de Julina Lambson Smith. Mercy Josephine tinha menos de 10 meses quando morreu:

Nesta capital, dia 6 de agosto de 1870

Martha Ann

Minha querida irmã:— . . .

O tempo está muito opressivo e a atmosfera abafada e cinzenta como se estivesse impregnada de fumaça, justamente como estava em outros dias inesquecíveis como no dia 27 de junho de 1944 e nos dias 21 e 22 de setembro de 1852, os dias da morte de nosso pai e da morte e enterro de nossa mãe. Eu me lembro distintamente deles. Hoje faz dois meses que nossa querida nenê se reuniu com seu avô e com sua avó no mundo espiritual, deixando uma lacuna no afeto de meu coração e um espaço fragmentado que nem o tempo nem a terra podem satisfazer. Choro a perda mortal do tesouro mais brilhante, mais puro e mais caro que Deus já me deu, aquela filha que eu mais apreciava e estimava dentro do grande círculo do maior dom de Deus, a vida eterna, [p. 2] que é sem par, sendo “tudo em tudo.” Porém, como se fosse consolar um pouco meu luto, a cada dia crescem a doçura, beleza, inteligência e amor que tenho por meu “broto de roseira” tão precioso, alegre e feliz que floresce ainda no âmago. Ó! no meio da minha tristeza posso dizer: “Agradeço a Deus por meus três meigos e perfeitos presentinhos, um na terra e dois no céu. E quanto ao foco de meu amor, minha querida “Jode” [apelido de Josephine], as minhas lágrimas não cessam nunca, porém só reclamo de minha própria fraqueza e ignorância.

Martha Ann deve ter se comovido ao ler a carta de seu irmão. Presumivelmente ela escreveu uma carta a Joseph F. falando de sua preocupação com seus próprios filhos, mas infelizmente a carta não se encontra em nossa coletânea. Mesmo que não saibamos exatamente o que Martha Ann lhe escreveu, a resposta está na carta que ele escreveu em 18 de agosto de 1870:

O Senhor diz que provará seu povo. Tudo que for escória [p. 2] mais cedo ou mais tarde será consumido, pois somente o “ouro” permanecerá. Espero, pelo bem dos antepassados, pelo nosso bem e pelo bem dos nos filhos, que provemos que somos de metal puro. Devo dizer que o Mormonismo, ou seja, o evangelho em todos os seus aspectos, está se tornando cada vez mais brilhante dentro de mim e tornar-se-á ainda mais lustroso à medida que for polido e é certo que o diabo e seus diabinhos estão decididos a polir-[me]. Há consolo no fato dos injustos não poderem fazer nada contra e sim a favor da causa da verdade. A família está bem [fora] alguns casos de diarreia, mas nada sério. A Julina está muito cautelosa, pois “gato escaldado tem medo de água fria.” Temos medo de qualquer ligeira doença nesta infante. Ó! que Deus a poupe por minha causa.

Joseph F. Smith ganhou forças e resolução devido a seu conhecimento dos princípios do evangelho. Sua fé reflete seu profundo entendimento. É difícil medir a motivação, especialmente quando é observada por meio de correspondência pessoal escrita há tanto tempo. Mesmo assim, a paixão e pedidos sinceros de Joseph F., conforme transmitidos nesta carta, revelam sua compaixão e seu entendimento de por que ocorrem o infortúnio e o sofrimento. É possível que nunca saibamos exatamente como as cartas motivaram e ajudaram Martha Ann a enfrentar as provações de viver na era pioneira, podemos observar de forma bem clara sua capacidade de consolar e providenciar novas perspectivas para lidar com os desafios da vida.

Tratar os Outros com Respeito

Outro componente do ensino eficiente é a capacidade de respeitar aqueles a quem se ensina. Um professor precisa reconhecer que muitas vezes ele aprende tanto dos alunos quanto ele lhes ensina, isto é, o ensino é uma via de mão dupla. Um professor eficaz mostra respeito pelos alunos ao escutar e interagir com eles. Parker Palmer, num ensaio chamado “The Heart of a Teacher: Identity and Integrity in Teaching” [“O coração do professor: Identidade e integridade no ensino”], declarou:

O ensino, como toda atividade verdadeiramente humana, para o bem ou para o mal, surge do âmago. Ao

ensinar, eu projeto a condição da minha alma nos alunos, na matéria e em nosso convívio. As confusões que presencio na sala de aula muitas vezes não são nem mais nem menos do que a inquietação da minha vida interior. Quando se enxerga desta perspectiva, o ensino na verdade é um espelho da alma. Se eu estiver disposto a olhar no espelho e não fugir daquilo que vejo, terei a oportunidade de adquirir auto-conhecimento. Conhecer-se a si mesmo é tão importante para o bom ensino como conhecer os alunos e a matéria.²⁷

O Salvador mostrou este princípio ao viajar pela região de Tiro e Sidom (veja Marcos 7:24–30). Enquanto ele estava lá, uma mulher não israelita lhe rogou que curasse a filha dela que tinha um espírito imundo. Jesus lhe respondeu, dizendo: “Deixa primeiro saciar os filhos; porque não convém tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (7:27). Em outras palavras, ele lhe disse que sua missão não era para os gentios e que não curaria sua filha. Não satisfeita, a mulher lembrou o Salvador de que até os bichos de estimação da casa recebem pão da mesa do dono. Depois de ouvi-la, Jesus curou sua filha. Para que o ensino seja sincero, os alunos precisam saber que o professor, como o Salvador, escuta e responde conforme aquilo que ouve. Joseph F. Smith mostrou na seguinte carta, sua disposição de escutar Martha Ann:

Ilhas Sanduíche

14 de junho de 1857. . .

Querida irmã, uma oração curta de tua carta me atingiu como as poderosas ondas de uma tempestade do oceano! O que foi?— “Sinto que sou uma pessoa fraca e doentia e não sei por que Deus não te abençoa, que és muito mais digna que eu, da forma que me abençoou?”—Martha, não me tentes. Aquela linguagem, embora simples, fala mais alto que os raios do céu que tu me amas e que desejas levar uma vida de humildade e oração. Oh! humildade! Quão belas são as suas influências que profunda sua serenidade e alegria! Este assunto me domina e me derrete!—Martha, o que tu disseste me admoestou. Aceito a correção com gratidão embora fosse indireta, pois quando a li algo me pareceu sussurrar à mente: “Joseph, compreendes o que lê?” “Que entenda quem lê.” Estes pensamentos de admoestação me vieram à mente: “Acorda-te e

aceita mais plenamente teu dever!” Agora posso refletir e ver que eu poderia ter endireitado mais meu caminho e ter sido mais diligente ao desempenhar o meu dever, mas estes pensamentos logo se afastam mediante o provérbio voraz: “o tempo que passou nunca mais voltará; o momento que se perde está perdido para sempre!” Portanto, por que chorar pelas coisas que não podemos alterar, ou, nas palavras da querida prima [p. 2] Josephine, por que “lamentar os prazeres já desbotados e as alegrias que o tempo nunca mais restaurará?” Não tem jeito, estou totalmente determinado a enfrentar as coisas que vierem com a marcha imutável do tempo. Desejo dizer: Adeus tempo fugaz, tempo trabalhador que não espera o preguiçoso. O homem não pode mandar parar o andamento do tempo, mas pode fazer seu dever em acelerar a chegada da hora em que toda a criação chegará ao destino para o qual foi criada.

A leve admoestação de Martha Ann se tornou uma oportunidade para Joseph F. examinar sua alma e fazer correções em sua própria vida. *O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* define *respeitar* da seguinte forma: “tratar com reverência ou acatamento; venerar, honrar.”²⁸ Um professor eficaz mostra respeito pelos alunos ao escutar e efetuar certas modificações, tanto no ensino como na vida particular. Se o professor não tem respeito pelos alunos, pode se sentir assim por um dos seguintes motivos:

Primeiro, o professor pode erroneamente acreditar que escutar os comentários dos alunos o fará vulnerável a mais críticas ou que enfraquecerá o controle da classe.

Segundo, o professor pode estar com medo de revelar suas fraquezas pessoais aos alunos, pois isso pode provar que os professores também cometem erros e não têm todas as respostas a todas as perguntas. Na realidade, porém, as desvantagens de tal mentalidade excedem os benefícios. Os alunos que veem o lado humano do professor são mais capazes de reciprocitar ao atender às exigências e expectativas do professor. Parker Palmer nos dá mais entendimento sobre os professores que abrem coração para os alunos:

Quando o bom professor tece o pano que une os alunos e matérias, o coração se torna o tear onde se amarram os fios, se mantém a tensão, a lançadeira voa e o tecido se faz. Não é de se admirar, então, que o ensino gere emoções, abra o

coração e até quebre o coração, de fato, quanto mais se ama ensinar mais doloroso se torna, às vezes.

Tornamo-nos professores por motivos do coração, animados pela paixão por certa matéria e pelo desejo de ajudar as pessoas a aprenderem. . . . A coragem de ensinar é a coragem de manter aberto seu coração justamente naqueles momentos quando se pede mais ao coração do que ele pode aguentar e desta forma o professor, os alunos e a matéria são tecidos, formando o pano exigido pelo aprender e viver.²⁹

Num intercâmbio de cartas sobre o casamento vemos outra carta que mostra o respeito que Joseph F. tinha pela irmã. No dia 3 de maio de 1857, Martha Ann escreveu uma carta a seu irmão, avisando-o que ela havia se casado. Faltavam duas semanas para ela completar dezesseis anos e ela mostrou-se preocupada em como Joseph F. reagiria:

Querido irmão, há uma notícia que eu quero compartilhar, mas minha mão treme ao escrevê-la porque escrevo de consciência culpada perante meu irmão, pois temo que ele sinta que eu o tenha desprezado. Perdoa-me meu querido irmão. Receio que esta notícia possa diminuir teu afeto, mas não posso mais escondê-la, preciso dizer-te que me casei— com William Harris. Acho que vais te sentir chocado ao ouvi-la; eu quase fico chocada também ao pensar nisso, mas é verdade. Agora devo dizer-te o porquê de tudo isso e assim espero que não me culpes muito. Ele tem passado muito tempo comigo. John lhe deu licença de entrar no namoro e eu não me opus. Comecei a gostar muito dele e ele de mim. Para dizer a verdade, tenho gostado dele já por algum tempo, dois anos no mínimo, e não consegui focalizar nos estudos, como podes ver [N.T. referindo-se a sua ortografia imperfeita]. Meu coração estava jovem e terno e meu afeto se tornou óbvio. John percebeu, mas eu não falei nada para ninguém, nem para ti, meu amigo mais íntimo e querido. Tentei esconder tudo isso, mas apesar disso John soube, pois ele pôde ver que eu não aprendia muito e ele precisava saber por que e acabei contando para ele. John falou com o Irmão Kimball a respeito disso e este disse que achava que devíamos nos casar antes

de William fazer missão e John concordou que seria melhor assim e que meu espírito se acalmaria para eu poder voltar aos estudos e aprender alguma coisa, caso contrário eu não poderia estudar. William foi receber suas bênçãos [N.T. do templo], porém eu ainda não sabia com certeza se devia me casar antes dele partir. O Irmão Kimball o mandou buscar-me, dizendo-lhe que seria melhor completar tudo naquele dia, de forma que fui com ele e fomos selados perante o altar. Ele logo partiu para a Inglaterra para fazer missão, puxando uma carrocinha de mão pela grande planície. Casamo-nos numa terça-feira e ele saiu na quinta, de modo que podes ver que não passei muito tempo com ele e me contento com isso, pois se ele não fosse embora, eu nem teria dinheiro suficiente para mandar esta carta e tu ficarias sem saber do meu casamento até voltar da missão. Há muito tempo que tenho saudades de ti e anseio por tua volta. Ao voltares, quero que encontres a mesma pessoa que eu era quando saíste, mas as coisas nem sempre são como o coração humano deseja. Não obstante, sou a mesma pessoa, só que agora sou casada, mas estarei livre [N.T. do papel de dona de casa] por mais três anos. Meu querido irmão, eu te rogo que me trates como sempre me tratava, caso contrário meu coração quase que será partido. Dá-me conselhos e me esforçarei em segui-los. Não sou perfeita, mas ainda (e sempre) te agradecerei pelos conselhos e não me ofenderei. Se eu me ofendesse, acho que seria muito tola e precisaria de admoestação, pois sou muito grata ao pai por ter me dado um irmão que se importa com o meu bem-estar, porque sei que tu te importas mais com meu bem-estar do que qualquer outra pessoa nesta terra. Ó Joseph, queira Deus que eu pudesse expressar os sentimentos tais como são. Sou grata por tua bondade para comigo. Nunca poderei esquecer-me de ti, nem por uma hora. Nunca te esqueci desde tua partida para bem longe de casa. Tenho pensado em ti em todos os lugares em que eu estivesse, não importando onde.

No dia 14 de junho de 1857, Joseph F. escreveu uma carta a Martha Ann antes de receber a carta citada acima. É interessante que Joseph F., sem

saber que Martha Ann havia se casado com William Harris, escreveu justamente sobre o assunto do casamento. O breve extrato que se segue nos transmite o espírito da carta:

. . . Estou selado a alguém? Não, não estou. Alguém se casou comigo para a vida por um voto sagrado? Não, não há ninguém. E por quê?—Vou te revelar o segredo. Não tenho a vida garantida, a não ser mediante minha própria bondade e meu próprio mérito. Aí sim, Deus assegurará minha vida para que eu possa desfrutar de muitas bênçãos, portanto se Deus me poupar a vida para uni-la à vida de uma mulher em que haja a intensa luz do fulgor celeste que ilumina e arde na hora do negror da adversidade e a qual esteja disposta a compartilhar o humilde destino com alguém que Deus sabe que ama o coração honesto e humilde, daí direi: Para Deus a glória, porque qual é a hora que é minha? Que momento pertence somente a mim? Em que hora Deus dirá: Joseph, exijo tua alma na minha presença—? Posso dizer que não? Não posso. Então agradeço ao Senhor que nenhuma alma ainda foi selada a mim. Não, pois sou livre como o ar e assim todas estão livres de mim. Não quero me amarrar a ninguém [N.T. isto ainda em época de missão] até poder sustentá-la e cuidar dela. Até lá, escutem, lindas senhoritas, estão livres de mim. Onde não houver nenhuma promessa não se quebrará o coração. Agora o propósito de eu dizer tudo isso é que não quero que tu faças nenhum juramento com ninguém se pudeses evitá-lo. . . .

Como será que Joseph F. reagiu ao ouvir a notícia de Martha Ann, dado que ele não queria que ela se casasse? A carta que ele lhe escreveu mostra sua capacidade de respeitar a decisão de Martha Ann. A seguinte carta foi escrita em 25 de julho de 1857:

Querida irmã Martha Ann:—Recebi tua longa carta do dia 3 de maio, faz mais ou menos uma semana, e fiquei muito contente em ouvir notícias tuas. Fiquei surpreso ao receber a notícia de teu casamento, mas já que não pude estar aí para participar da festa, só posso te desejar muita alegria e uma vida feliz. Tu acabas de dar o passo mais importante de tua

vida, ou existência, sob os laços do evangelho. Por um lado, todos os prazeres sociais, a felicidade de tua existência atual e as bênçãos de um lar alegre e feliz, bem como uma posteridade obediente que ama Deus, dependem do passo que acabas de dar, mas, por outro lado, quem não der o passo de forma certa herdará as misérias e as tristes cenas de descontentamento, discórdia e amarga infelicidade. Fico trêmulo até o íntimo ao pensar neste assunto tão fascinante, ao olhar ao meu redor e refletir nas terríveis circunstâncias que ocorrem todos os dias entre os grandes e letrados, os pequenos e iletrados bem como os ricos e os pobres. Reflito nas esposas aflitas, nos maridos distraídos, na inveja em todas as suas formas horripáveis, no rancor venenoso da desconfiança com sua faca da vingança desembainhada para verter o sangue de mulheres, maridos e filhos! Recuo com horror desta cena. Parece-me extremamente curioso como as pessoas entram a todo vapor num negócio que tanto afetará sua prosperidade e felicidade futuras e, por outro lado, pode trazer-lhes pesados sofrimentos e um rio de problemas dos quais é possível que nunca consigam se livrar, —porém—com todas estas considerações em frente de nós, não é para nós [N.T. da Igreja] como é para o resto do mundo. Nós temos a luz do evangelho, a influência do Espírito Santo, os ensinamentos dos profetas e servos de Deus para nos conduzir a todas as verdades e ensinar-nos nosso dever. Se tu seguiste os conselhos [N.T. do servo de Deus], está tudo bem e serás vitoriosa. Tu agora certamente deixarás as meninices. Espero que te lembres de tua posição de privilégio e deixes que suas ações e comportamento em todas as coisas se tornem um acervo de respeito, estima e amizade para ti no coração de todas as pessoas boas e honestas. Agora queres que eu te diga como se alcança este resultado desejável?—Só pela oração—com fé e esperança em Jesus Cristo e em seu evangelho. Quem possui seu lugar no verdadeiro reino de Deus, nunca precisará ter medo.

Ao invés de criticar ou condenar Martha Ann por ter se casado, Joseph F. mostra sua maturidade, desejando-lhe alegria e felicidade seguidos

de conselhos amáveis e gentis. Seu respeito pela irmã se tornará ainda mais notável se levarmos em conta que ele só tinha dezoito anos na época que escreveu esta carta. Um professor eficaz reconhece em que fase da vida estão os alunos e, em vez de julgá-los com dureza pelas decisões que fizeram, transforma as circunstâncias da vida em oportunidades de ensinar princípios corretos. O entendimento da doutrina por parte de Joseph F. Smith, como vemos na parte final da carta, mostra quanto conhecimento do evangelho ele havia adquirido, mesmo sendo muito jovem. Ao longo de sua vida ele usou este conhecimento para beneficiar os outros.

Conhecimento do Assunto

O compromisso de Joseph F. Smith ao aprendizado, ao longo de sua vida, e seu talento prático de poder compartilhar seu conhecimento ressoam pelas cartas escritas para Martha Ann. Salomão declarou: “A sabedoria é a coisa principal; adquire pois a sabedoria, emprega tudo que possuis na aquisição de entendimento” (Provérbios 4:7). A segunda parte desta parelha poética sugere que a sabedoria requer conhecimento. O dicionário confirma esta afirmação, pois a definição inclui “conhecimento prático” e “entendimento.”³⁰

Poucos iriam discordar que, para ensinar, requer-se pelo menos uma quantia limitada de conhecimento, mas a maioria reconhece que o ensino *eficaz*—o ensino que transforma as pessoas—exige a sabedoria. O Presidente Boyd K. Packer disse: “Há muito tempo que acredito que o estudo das doutrinas do evangelho transformará o comportamento das pessoas muito mais rápido do que falar sobre comportamento para que o comportamento melhore.”³¹

Desde o momento em que Joseph F. Smith entrou na missão, ele demonstrou um entendimento precoce da restauração e de suas verdades; com este conhecimento, ele procurou ajudar os outros ao efetuar a transformação de sua vida. Embora sua vida estivesse cheia de dores e dificuldades, ele deve ter se regozijado em testificar de Jesus Cristo e das verdades do evangelho restaurado. Com apenas dezesseis anos ele escreveu a seguinte carta a Martha Ann em 9 de junho de 1855 da Ilha de Maui das Ilhas Sanduíche:

Minha querida e estimada irmã, Martha Ann. . . .

. . . sê Mórmon de todo o coração e serás abençoada.

Descobri que não há nada que possa nos provar tanto como dizer ao mundo que somos Mórmons. Eu me sinto muito bem. Estou gordo e forte, tenho a impressão que posso cortar

toda a alfafa que tem aí nos vales, mas não sei como ficaria se eu o tentasse.

Estou pregando, Marty [N.T. um dos apelidos dela], e sou bom pregador. Tu devias ouvir-me, ou minha voz. Tu poderias, naturalmente, se estivesses aqui nas ilhas. Tivemos uma ótima reunião hoje de manhã e me designaram para falar, de forma que fiz uma tentativa.

Ao passo que o entusiasmo de Joseph F. e sua capacidade de ensinar aumentavam, ele também encontrou consolo pessoal em seu conhecimento e convicção do plano de salvação. Numa carta de 26 de agosto de 1883, ele escreveu de Salt Lake City logo após a morte de seu filho, Albert Jesse Smith:³²

Minha querida irmã Martha Ann,

Mais uma vez, sim, agora pela sexta vez, pela vontade inexorável de uma providência impenetrável, fomos obrigados a perder um dos mais caros e mais preciosos tesouros.

Desta vez aquele monstro sem piedade, a morte, escolheu para seu alvo nosso belo, inteligente e querido Albert Jesse. Seu falecimento ocorreu ontem às 11:35 da manhã, depois de mais ou menos 13 dias de enfermidade. Estive fora durante a maior parte deste tempo, viajando às colônias do norte com o Presidente Taylor. Cheguei em casa na quinta de manhã, tendo sido chamado de volta e honravelmente desobrigado pelo presidente. Tive o pesar, e bênção, de ficar cuidando e atendendo meu querido filhinho por 52 horas, orando do coração e vertendo muitas lágrimas, mas os céus estavam como latão e nosso pranto e lágrimas caíram por terra e foram enterrados hoje na cova com a bela forma sem vida de nosso belo tesouro! Contudo, nem tudo foi enterrado, pois nosso choro ainda sobe ao céu: Por que as coisas são assim? Ó Deus, por que teve que ser? E nossas lágrimas vertem ainda pela terra, não enterrando nosso remorso e sentimentos, mas dando-nos um pouco de alívio.

Se é que receberemos um galardão no futuro ou próximo ou distante pelas mágoas de sermos separados, então não quero um galardão rico no porvir! Não ajuntei já

tesouros suficientes nos céus? Sarah Ella, Mercy Josephine, Heber John, Alfred Jason, Rhoda Ann, e agora Albert Jesse, todos eles de carinhosos braços abertos, chamando “Papai,” do outro lado do véu. Que reunião feliz me espera! E confio que naquela multidão redimida não haverá quem me encontre com mais calor humano do que nosso pai, nossa mãe, Hyrum, Mary (que desconhecíamos), Sarah,³³ e Lavina,³⁴ e as hostes de parentes falecidos que, sendo “mortos porém vivos,” já provaram as águas vivas de Cristo e morreram na fé dele. A maior parte dos entes queridos está além do véu e os laços que nos levam para lá estão se tornando mais fortes que aqueles que nos prendem aqui. Mas eu vejo meu rebanho que depende de mim para o sustento de cada dia, mesmo não havendo, mas confiando na providência divina e dependendo da minha vida mortal para ajuda e proteção, faço esta oração sincera: Ó! Deixa-me permanecer aqui mais um pouco para combater os males e os altos e baixos da vida pelo amor deles. Se não fosse isso, agora, quando minha alma se enche de dor pungente, eu preferiria ir a ficar. Ao mesmo tempo sinto que não sou bom o suficiente nem para ir nem para ficar. Nem sempre é fácil reconhecer a mão de Deus em todas as coisas. Mesmo assim, eu o farei e meu coração dirá: “Mesmo que Ele me mate, confiarei n’Ele,”³⁵ pois “o Senhor dá e o Senhor retira, abençoado seja o nome do Senhor.”³⁶ Prefiro ter passado pelas dores dos últimos dias, por mais dolorosas que sejam para meu coração e para a alma, a nunca ter conhecido meu precioso filho. Nosso objetivo não pode ser mais elevado nem nobre do que aspirar a ser digno de uma união eterna com estas almas amáveis, confiantes, inocentes e puras com quem Deus me abençoou mesmo por períodos de tempo tão curtos, mas tão felizes. Que Deus me ajude a ser digno delas.

Joseph

Naturalmente qualquer pai ou mãe sente a perda e a dor que acompanham a morte de um filho. No caso desta tragédia de Joseph F. Smith, seu conhecimento do evangelho lhe proporcionou esperança e a resolução de levar uma vida digna para que ele pudesse ser reunido com seus familiares

na vida vindoura. Há poucos aspectos do evangelho que são mais importantes do que isso. Não sabemos como Martha Ann reagiu a esta expressão de mágoa e dor por parte de seu irmão, mas podemos supor que ela também sentiu a mesma tristeza e determinação esperançosa de viver de forma digna de uma reunião eterna.

Conclusão

O talento pedagógico de Joseph F. Smith nos dá um exemplo ideal do que pode e deve ser um professor. Conforme já se explicou acima, os padrões de ensino eficaz não mudam com o tempo. Tratamos de um número ilimitado de técnicas e características do bom ensino e as cartas de Joseph F. Smith confirmam sua capacidade de ensinar, como vemos pelos seus esforços de orientar, guiar e instruir Martha Ann no seu progresso espiritual, social e intelectual. Suas cartas claramente mostram a profundidade de seu conhecimento do evangelho, tanto como sua capacidade de amar, respeitar, motivar e se comunicar com eficácia ao longo de sua correspondência com sua irmã, Martha Ann.

A melhor explicação do ensino bem-sucedido de Joseph F. Smith talvez seja o simples fato dele ser uma pessoa bem-sucedida que amava a Deus e fazia tudo ao seu alcance para abençoar as pessoas ao seu redor. Não se espera nada menos de quem é discípulo de Jesus Cristo. Esta admoestação a respeito do ensino dada pelo Élder Jeffrey R. Holland nos lembra de nosso dever de sermos professores eficazes:

Agora, justamente na hora do profeta nos pedir mais fé ao ouvir a palavra de Deus, devemos revigorar e reentronizar o excelente ensino na Igreja, em casa, no púlpito, nas reuniões administrativas e certamente na sala de aula. O ensino inspirado nunca deverá se tornar uma arte perdida na Igreja e temos que assegurar que nossa busca pelo bom ensino não seja uma tradição perdida. . . .

Quando enfrentarmos crises na vida, o que certamente acontecerá, as filosofias dos homens misturadas com algumas escrituras e poemas não nos servirão. Estamos realmente educando os jovens e membros novos de uma maneira que possa sustê-los na hora de aparecer o estresse da vida? Ou estamos dando-lhes uma espécie de doce espiritual, ou seja, um alimento espiritual que contém as chamadas “calorias vazias”? O Presidente John Taylor certa vez chamou tal ensino de

“espuma frita,” o tipo de comida que se pode comer o dia todo e no fim não ficar satisfeito. . . .

Não importa se ensinamos nossos filhos em casa ou uma congregação na Igreja, jamais devemos fazer com que nossa fé seja difícil de se detectar. Lembrem-se de que devemos ser professores “vindos de Deus.” . . . Deem discursos baseados nas escrituras. Ensinem a doutrina revelada. Prestem testemunhos sinceros.³⁷

Notas

1. Sua mãe, Verna Passey Call, faleceu em 8 de outubro de 1986 e seu pai, Anson Bowen Call Jr., faleceu no dia primeiro de junho de 1993.
2. Parley P. Pratt, *Autobiography of Parley P. Pratt [Autobiografia de Parley P. Pratt]* (Salt Lake City: Deseret Book, 1985), 110.
3. Pratt, *Autobiography*, 128.
4. Francis M. Gibbons, *Joseph F. Smith: Patriarch and Preacher, Prophet of God [Joseph F. Smith: Patriarca e Pregador, Profeta de Deus]* (Salt Lake City: Deseret Book, 1984), 1–2.
5. Daniel H. Ludlow, ed., *Encyclopedia of Mormonism [Enciclopédia do Mormonismo]* (New York: Macmillan, 1992), 3:1350.
6. Ludlow, *Encyclopedia of Mormonism*, 3:1350.
7. Gibbons, *Joseph F. Smith*, 27.
8. *Deseret News*, April 13, 1854.
9. Gibbons, *Joseph F. Smith*, 45–46.
10. Ludlow, *Encyclopedia of Mormonism*, 3:1352.
11. Gibbons, *Joseph F. Smith*, 87.
12. Gibbons, *Joseph F. Smith*, 130–32, 181–82.
13. Ludlow, *Encyclopedia of Mormonism*, 3:1352.
14. Sarah Harris Passey, *History of Martha Ann Smith Harris*, manuscrito não publicado, 4; Sarah Harris Passey é filha de Martha Ann.
15. Carole Call King, *History of William Jasper Harris, 1836–1909*, manuscrito não publicado, 2; Carole Call King é bisneta.
16. King, *History of William Jasper Harris*, 5–6.
17. Passey, *History of Martha Ann Smith Harris*, 5–6.
18. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3ª ed., “ensinar” (Editora Positivo: 2004).

19. Yun Lee Too, *The Pedagogical Contract* (Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2000), 123.
20. James M. Banner Jr. e Harold C. Cannon, “The Personal Qualities of Teaching,” *Change* 29, no. 6 (novembro/dezembro de 1997): 43.
21. Por exemplo, veja Teresa Pica, Gregory A. Barnes, e Alexis Gerard Finger, *Teaching Matters: Skills and Strategies for International Teaching Assistants* (New York: HarperCollins, 1990), 166–67; Banner e Cannon, “The Personal Qualities of Teaching,” 40; Gary Gordon, “Teacher Talent and Urban Schools,” *Phi Delta Kappan* 81, no. 4 (December 1999): 4; Peter G. Beidler, “What Makes a Good Teacher,” in *Inspiring Teaching*, ed. John K. Roth (Boston: Anker, 1997).
22. Banner e Cannon, “The Personal Qualities of Teaching,” 43.
23. Helen Keller, *The Story of My Life [A história de minha vida]* (Norwalk, Connecticut: Easton Press, 1988), 21–22.
24. Dallin H. Oaks, “Gospel Teaching,” *Ensign*, November 1999, 78.
25. Robert Leamson, *Thinking about Teaching and Learning* (Stirling, Virginia: Stylus, 1999), 8.
26. Leamson, *Thinking about Teaching and Learning*, 54.
27. Parker J. Palmer, “The Heart of a Teacher: Identity and Integrity in Teaching,” *Change* 29, no. 6 (November/December 1997): 15.
28. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3a ed., “respeito” (Editora Positivo: 2004).
29. Palmer, “The Heart of a Teacher: Identity and Integrity in Teaching,” 18.
30. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3a ed., “sabedoria” (Editora Positivo: 2004).
31. Boyd K. Packer, Relatório da Conferência, abril de 1997, 8.
32. Albert Jesse Smith nasceu em 16 de setembro de 1881 e faleceu, conforme a carta, em 25 de agosto de 1883.
33. Sexto filho de Hyrum Smith e Jerusha Barden; nascido em 2 de outubro de 1837; falecido em 6 de novembro de 1876.
34. Filho mais velho de Hyrum Smith e Jersuha Barden; nasceu em 16 de setembro de 1827; faleceu em 8 de outubro de 1876.
35. Jó 13:15.
36. Jó 1:21.
37. Jeffrey R. Holland, Relatório da Conferência, abril de 1998, 31–34.